

## **A EVOLUÇÃO DA FARMACIA E A REVOLTA DA VACINA: As doenças que devastaram o Rio de Janeiro e as cidades de Bananal e São José do Barreiro**

***Luciana Marçon Russi<sup>1</sup>, Cyro de Barros Rezende Filho<sup>2</sup>***

<sup>1</sup>IPHAR – Instituto de Pesquisa Histórica e Ambiental Regional/ Universidade de Taubaté/Departamento de Ciências Sociais e Letras, Avenida Desembargador Paulo de Oliveira Costa 596 - Taubaté - SP, CEP 12010230, lucianamrussi@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade de Taubaté/Núcleo de Pesquisa em História, Avenida Helvino de Moraes, 432 Apto. 12 Bloco 3, Vila São José – Taubaté – SP CEP: 12070450 , profcyro@yahoo.com.br

**Resumo-** A epidemia de Febre Amarela de 1849-51 foi o ponto de partida para a visão de uma nova necessidade relacionada a questão da saúde pública. Durante o Período do Império doenças como a varíola e a febre amarela mataram inúmeras pessoas, o que pode ser constatado com a análise de inúmeras sepulturas existentes em São José do Barreiro - SP, isso se deve em parte pela ausência de políticas públicas de saúde e a pouca eficácia dos tratamentos até então existentes, fato esse que pode ser visto utilizando-se os documentos pertencentes a mais antiga farmácia ainda existente no Brasil, localizada na cidade de Bananal – SP.

**Palavras-chave:** a Farmácia no Brasil, Revolta da Vacina, Saúde Pública e Urbanização.

**Área do Conhecimento:** Humanas

### **Introdução**

A Revolta da Vacina de 1904, na cidade do Rio de Janeiro, foi resultado de uma união de fatores ligados tanto à busca pela modernização estética da cidade do Rio de Janeiro quanto pela criação de novas políticas públicas.

Esse trabalho visa analisar esse conjunto de fatores que culminou na Revolta que ocupou as ruas da cidade do Rio de Janeiro durante quase uma semana no ano de 1904, contrapondo com a realidade da varíola, na região do Vale Histórico, situada no Vale do Paraíba;

O trabalho teve início com o projeto de Tombamento e Recuperação da Pharmacia Popular de Bananal, pelo Instituto de Pesquisa Histórica e Ambiental Regional (IPHAR), sendo esta a farmácia mais antiga do país, apresentando acervo próprio antigo, até então pertencente ao Sr. Plínio Graça, recém-falecido. Lá se encontram diversas receitas e preparos que eram usados como tratamento para pacientes com varíola, febre amarela entre outras doenças. E também do cemitério de São José do Barreiro, com suas inúmeras sepulturas das vítimas das epidemias tanto de varíola quanto de febre amarela, mostrando-nos seu efeito devastador.

### **Metodologia**

Para a realização do presente trabalho buscou-se a leitura e interpretação de autores como Marques (1995) em *Da Higiene a construção da cidade: o estado e o saneamento no Rio de Janeiro*, Chalhoub (1996) *Em Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte Imperial*, Silva (2007) no artigo publicado na *Revista Brasileira de História* intitulado *O processo de urbanização paulista: a medicina e o crescimento da cidade moderna*, Brescani (1984) *In Revista Brasileira de História*, com o artigo *metrópoles: as faces do monstro Urbano(as cidades no século XIX)*.

Foi feito também o uso de jornais da época como o *Correio da Manhã* e a *Gazeta de Notícias* entre outros, os quais retratavam a visão *in locu* da revolta da vacina bem como o incentivo da imprensa e dos opositores do governo aos revoltosos.

Para catalogação científica da documentação, foi utilizado o método História Forense, criado pelo Instituto de Pesquisa Histórica e Ambiental Regional (IPHAR), com o intuito de especificarmos os objetos analisados em diferentes projetos. Este método trata-se da implantação de ferramentas científicas para catalogação e interpretação do objeto de pesquisa e o mesmo é dividido em três partes: 1- Generalização do Objeto (quando conhecemos as características da pesquisa); 2- Conceitualização do Objeto (quando o pesquisador relaciona as hipóteses com a teoria); 3- Desvendando o Objeto (quando as hipóteses se tornam os resultados da pesquisa). A metodologia

foi criada pela Prof<sup>a</sup> Ludmila Pena Fuzzi e pelo Prof. Cristiano Luiz da Silva, com o intuito de holistizar a pesquisa, oferecendo várias facetas da mesma, tendo ao final um material científico para aprofundamento das ideias.

Com este método foi possível observar as diferentes formas de manifestações das receitas farmacêuticas do século XIX, encontradas no acervo, e isto propiciou um diálogo qualitativo entre a base documental e a teórica para uma reflexão mais detalhada da temática proposta.

## Resultados

A ciência da farmácia remonta dos tempos antigos, iniciada pelos árabes, chegou mais tarde a Europa. A ciência da cura auxiliou nas relações entre saúde e expectativa de vida. No início das epidemias temos registros de remédios manipulados, primeiramente por boticários e depois por farmacêuticos, os quais eram ministrados em pacientes já doentes. Porém com a evolução das ciências médicas, foi criada uma vacina capaz de prevenir algumas doenças. Devido a grande mortalidade causada por epidemias já ocorridas em varias cidades do Brasil, Oswaldo Cruz, sob o comando da Comissão Central de Saúde Publica reforça e busca fazer-se cumprir a lei de vacinação obrigatória a fim de evitar novas epidemias.

Juntamente com esse avanço das ciências medicas vemos uma mudança social nas cidades, causadas não só pela urbanização, mas também pela necessidade de se “remodelar” a cidade do Rio de Janeiro, pois já no século XIX, segundo Bersciani (1985) a cidade se constituirá no observatório privilegiado da diversidade: ponto estratégico para apreender o sentido das transformações, num primeiro passo e logo em seguida à semelhança de um laboratório para definir estratégias de controle e intervenção.

“ a desagregação da escravidão, a crise geral do império e a eclosão das primeiras epidemias de febre amarela constituíram o grande substrato de reformas que procuravam alinhar o país as civilizações da Europa. (Silva, 2007).

Porém isso foi feito de maneira que muitos operários e moradores de cortiços, áreas mais submetidas as intervenções publicas, não entendessem muito bem o que estava ocorrendo. A intervenção iniciou-se com a derrubada de casas e cortiços para a construção de largas avenidas, movimento que ficou conhecido popularmente como “bota-abaixo” e com a ação da saúde Publica, que “invadia” a casa da

população com seu médicos e muitas vezes até mesmo acompanhado da policia para por em pratica ações que faziam parte do programa de saneamento organizado por Oswaldo Cruz.

## Discussão

A Lei da Vacina obrigatória e o seu cumprimento, mesmo que fosse a base da violência, foi o estopim da indignação provocada por todo esse processo de reformas. Incentivados pelos opositores do governo e pela imprensa, o povo sai às ruas para protestar e durante uma semana enfrenta a policia e o exercito, erguendo barricadas, destruindo a iluminação publica e derrubando bondes, em episodio que ficou conhecido com A Revolta da Vacina.

Guimarães (2008) explicita uma pesquisa interessante a contrapor a questão apresentada. Os manuais de medicina popular do dr. Chernoviz, muito mais do que o contato regular com os médicos, foram um instrumento essencial de penetração de saberes e práticas sancionados pelas instituições médicas oficiais no cotidiano daquela população. O sucesso de sua obra ultrapassou os limites da corte do Rio de Janeiro, onde vivia, e, ao longo de múltiplas edições, foi muito difundida em todo o Brasil e traduzida para outros países

Os manuais colaboraram para a busca da higienização em todo país, do sanitarismo do Rio de Janeiro e nos grandes cafezais do Vale Histórico. Na Pharmácia Popular de Bananal encontramos algumas receitas que foram elaboradas para a cura da varíola, tendo como base os manuais do Dr. Chermoviz, como podemos observar na imagem abaixo uma dessas receitas:

**FIGURA 1- RECEITA PARA COMBATER VARÍOLA –  
ACERVO FOTOGRÁFICA DO IPHAR  
AUTORIA: LUDMILA PENA FUZZI**

Esta receita pertenceu Florentinna Arruda Valim, uma das filhas do Manuel Aguiar Valim, uma das grandes personalidades na época. A mesma adoeceu e necessitou de cuidados. De acordo com registros, constatamos que sua família afetou-se com a doença em uma viagem ao Rio de Janeiro, dado extraído do *Diário de Manuel Aguiar Valim*, documento que se encontra no Museu Major Novais em Cruzeiro. Neste ponto temos a migração da doença da cidade Rio de Janeiro para com a região do Vale Histórico (Bananal e São José do Barreiro). Após o falecimento de alguns de seus parentes, a doença se espalhou pelo fundo do Vale e com isto muitos moradores acabaram por contrair a doença e falecer.



**Figura 2- Túmulos com enterro de Variola/Cemitério dos Escravos de São José do Barreiro- Acervo do IPHAR- Autoria: Cristiano Luiz da Silva**

Além da Vacina, a tentativa da criação de remédios foram várias, constamos isto também nos registros do farmacêutico Tourin Domingos Monsier, um francês que criou a Pharmácia Popular de Bananal, que buscou resoluções para erradicar a doença. Mandou trazer inúmeras ervas e composições da Europa para chegar a um resultado satisfatório, por isso atualmente o acervo é rico em medicamentos que não são mais encontrados em nenhum outro local.

**Figura 3- Remédios da Pharmácia Popular de Bananal – Acervo IPHAR – Autoria: Ludmila Pena Fuzzi**

### Conclusão

Verificamos com o presente trabalho que a evolução das ciências farmacêuticas foi de grande importância para a diminuição das mortes endêmicas nos séculos XIX e XX. Percebemos também que além de uma questão de saúde pública, a criação e execução de medidas sanitárias na cidade do Rio de Janeiro visava modifica-la aos moldes das cidades europeias, o que foi feito não só para o benefício do povo, mas principalmente por questões econômicas, já que o povo era a mão de obra numa cidade em desenvolvimento, e o Rio de Janeiro era capital do império e a porta de entrada do país.

Concluimos que, como considerado por muitos autores a revolta da vacina foi um movimento popular, não só ocasionado pela lei vacina obrigatória, mas sim por um conjunto de fatores que circundaram a cidade do Rio de Janeiro durante os séculos XIX e XX.

### Referências

- MARQUES. E. C.: Da Higiene a Construção da Cidade: o Estado e o Saneamento no Rio de Janeiro. História, Ciência e Saúde – Manguinhos, II (2): 51-67, Jul.-Oct. 1995.
- BRESCIANI, M.S.M. Metrópoles: as faces do monstro Urbano (as cidades no século XIX). Revista Brasileira de História, São Paulo, V.5. n.8/9, Set.1984/abril 1985, p. 35-68.
- BENCHIMOL, Jaime. Pereira Passos: um Haussmann tropical. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Secretaria de Cultura, Turismo e Esportes, 1992.
- CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril. Cortiços e epidemias na corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro, 1978
- SEVCENKO, Nicolau (org). História da Vida Privada no Brasil Republica: da Belle Epoque à Era do radio. São Paulo Companhia das Letras, 1998.

**XVINIC**

Encontro Latino Americano  
de Iniciação Científica

**XI EPG**

Encontro Latino Americano  
de Pós Graduação

**VINIC Jr**

Encontro Latino Americano  
de Iniciação Científica Júnior